O Gaiato

PORTE PAGO

Quinzenário • 28 de Novembro de 1992 • Ano XLIX — N.º 1271 — Preço 30$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua — Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes — Fundador: Padre Américo

ÁFRICA

Algumas interrogações

Uns dias de paragem no quotidiano proporcionaram-me acompanhar mais a informação, mormente a televisiva, e repensar coisas que a seu tempo afloraram, mas o ritmo algo vertiginoso da nossa vida não permitiu reflectir e sedimentar quanto é necessário ao assentar de ideias.

Depois há uma certa inibição para tocar assuntos que possam parecer ter cariz político porque nem de política percebo, nem à classe me liga uma espontânea simpatia, uma confiança sem perplexidade.

Daí o nunca ter manifestado um certo desencanto por um certo tempero de triunfalismo que apaladei no encantador acontecimento dos acordos de paz para Angola. Tudo o que por ela tenham feito e possam fazer os portugueses é dever de consciência de um Povo que, se em 500 anos de colonização cometeu alguns pecados (decerto sim...), num único ano ou parcos meses cometeu o da descolonização que, por irresponsabilidade ou humor negro, tem sido apelidada de «exemplar».

À teimosia *contra-natura* de «um Povo único do Minho a Timor», sucedeu a precipitação de uma classe imatura e em estado de exaltação revolucionária que lançou ou deixou cair os Povos «libertados» em guerras cruéis, suicidas, de que, verdadeiramente, ainda não estão libertos. As vozes equilibradas do meio-termo foram silenciadas pelo burborinho. E os Povos africanos (tendo-se feito tábua rasa da capacidade de entendimento singular entre todas as nações do mundo, dos Povos-povo de lá e de cá) tiveram de pagar, estão pagando, a sua independência por um preço de usura, desumano — o que teriam direito que lhes fosse dado.

O que as classes políticas de cá possam fazer junto das de lá, façam-no humildemente, simplesmente como quem salda uma dívida, nem que se não julguem os que a contrairam.

A Obra da Rua regressou a África movida por esta consciência de redenção. Não fora assim; e sendo o serviço dos Pobres o seu destino — não nos faltaria aqui a quem servir.

• Algumas interrogações, porventura mais atrevidas da minha parte:

Será que o destino de uma África autenticamente livre, passará pela manutenção das antigas fronteiras coloniais em

Continua na página 4

O Calvário é um nome tirado do Evangelho

Pretendemos ser uma família para os Rejeitados

Tem passado por aqui muito boa gente habituada aos moldes tradicionais de assistência, onde quadros, estruturas, regulamentos, orçamentos, estatísticas e resultados são a coisa mais natural. E dá opinião: — *Se fizessem acordos? Se metessem pessoal qualificado? Isto poderia crescer mais, ser mais eficiente e haveria lugar para recolher e assistir a mais doentes carenciados.*

Não é fácil entender o que somos nem o que desejamos ser. E nós pretendemos ser, apenas, uma família para quem a não tem ou a perdeu, ou por ela foi rejeitado pelo simples facto de ser um estorvo. E, nesta família, dar lugar a cada membro para que se sinta em sua casa e não em casa de outros; onde possa intervir e não ser únicamente assistido; onde cada membro possa, conforme puder, dar a mão ao semelhante ainda mais carecido de cuidados.

Ora no quadro duma instituição onde tudo é feito por pessoal vindo de fora, os de dentro não são naturalmente precisos. Pelo contrário. Convém mesmo que não intervenham porque, nestas circunstâncias, tiram lugar e ocupação aos de fora.

Obra de Doentes para Doentes pelos Doentes

Deixem-nos ser como desejamos. Já lá vão muitos anos com este modo de agir e não nos queixamos, antes temo-nos dado bem com tal actuação e espírito de partilha.

O Zé era um bebé de seis meses ao chegar. Vinha carregado de mazelas. Nunca andou senão em carro de rodas, pelas sequelas bem patentes duma hidrocefalia congénita. Hoje, quem o vê não dá nada por ele. Mas é ele quem cuida dos outros mais necessitados. Já vai nos trinta e dois anos. É feliz. E a razão é simples. É um dos responsáveis desta Casa. Ajuda na higiene matinal e vespertina. Olha pelas limpe-

Continua na página 4

SETÚBAL

Cruzada dolorosa e aparentemente contraditória

A cruzada que o Espírito me propôs levar por diante a favor da casa para os meus filhos, no estabelecimento da sua família, embora fascinante e manifestamente apoiada por Deus, revela-se dolorosa e aparentemente contraditória.

Está no cerne da família ajudar os filhos na conquista da sua dignidade, tanto quanto for possível. Dentro do espaço aberto da Casa do Gaiato esforçamo-nos por desenvolver ao máximo as capacidades de cada rapaz, em todas as vertentes das potencialidades pessoais, com uma pedagogia ímpar: «De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Toda a actividade específica da vida familiar é exercida por eles, desde a limpeza de todos os compartimentos e ambiente, passando pela cozinha, refeitório, lavagem de loiça e rouparia até ao encargo do gado, do leite, dos trabalhos do campo e dos jardins. Nas escolas e nas oficinas, nas salas de estudo e no acompanhamento contínuo do trabalho intelectual, os rapazes são responsáveis uns dos outros num crescimento progressivo e consciente das suas obrigações.

Podemos afirmar que a Casa do Gaiato faz pelos rapazes o máximo e consegue deles o que nunca nenhuma instituição do género conseguiu.

À parte os diminuídos de toda a espécie — que também os temos e precisam de mais atenções — poderíamos assim dizer que preparado um rapaz para a vida, terminaria aqui o nosso desvelo. Teríamos atingido a meta.

Raciocinando assim, alguma gente que me apoiava deixou de o fazer, achando que não devo ajudar os rapazes após a sua saída. Eles que se desenrasquem.

Esquecem-se estas pessoas que nós vivemos numa sociedade altamente injusta, como tenho demonstrado.

A estes advirto que sou um *perdulário*. Quanto mais tenho, mais gasto. Há que ter cuidado com o dinheiro que me confiam. Toda a mensagem evangélica é uma poesia bonita para ficar no papel. Devo amealhar para o dia de amanhã? Quem me garante a segurança dos cento e cinquenta que ora tenho?

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

HABITAÇÃO — Prosseguimos a reparação doutra moradia, do Patrimómio dos Pobres, habitada por um casal idoso.

Para que a generosidade se projectasse no tempo, e/ou servisse de estímulo às comunidades, Pai Américo mandava fazer pequenas placas de azulejo — com o nome de quem doava o valor (simbólico) de cada moradia — apostas nos respectivos cunhais. No caso vertente, é a *Casa dos Alunos do Liceu Rainha Santa Isabel*, do Porto. Há mais outra, ao lado, com o mesmo nome, produto de *mesadas* de jovens estudantes que dispensaram lambarices para darem guarida a famílias pobres. Recordamos o episódio, pois alguns deles, talvez já avôs, ficaram logo vinculados à família de leitores d'O GAIATO, interessados pelo grave problema dos Sem-abrigo.

A propósito, citemos fragmentos duma nota, inserida no *Eurofocus*, Boletim de Informação editado pela Comissão das Comunidades Europeias, que nos serviu de reflexão. Afirma que há *«entre um e três milhões de Sem-abrigo na Europa dos Doze»*, de acordo com *«o primeiro relatório — impressionante — do Observatório Europeu dos Sem-abrigo. (...) A dimensão alarmante atingida pelo fenómeno* — acentua o boletim — *resulta das políticas (ou da sua inexistência) de alojamento adoptadas pela maioria dos países comunitários. Nos anos 80, a percentagem de habitações sociais, propriedade das autoridades públicas, diminuiu em todos os Estados-membros com excepção da Dinamarca e da França, país que aplica a política mais activa de ajuda aos Sem-abrigo. (...) Em termos globais registou-se* (na década anterior) *um desinvestimento claro por parte dos Estados no sector da habitação. A importante diminuição do número de alojamentos alugados (pelo sector público) a condições vantajosas implicou um aumento do número dos Sem-abrigo. (...) Quanto às políticas destinadas (a* atenuar o problema*), o relatório denuncia deficiências. Cerca de dois terços das iniciativas, na CE, provêm do sector privado — associações religiosas ou laicas — e não das autoridades públicas, com importantes lacunas em Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda. Para melhorar a situação, os autores do trabalho reclamam um empenhamento enérgico das autoridades nacionais, regionais e locais e uma maior cooperação entre os Doze»*.

O recado cairá em saco roto!?

PARTILHA — *«Uma Assinante de Paço de Arcos»* manda um cheque *«da partilha de Agosto, Setembro e Outubro»*, com as habituais *«saudações fraternas e amigas»*. Há quantos anos!

Nove contos, da *«Avó de Sintra»*, destinados *«à família do costume»*.

A remessa habitual da assinante 31104, da Capital: *«Entendo que a melhor maneira de lembrar os nossos entes queridos, é valer a quem precisa»*. Útil partilha, aos olhos de Deus.

A Obra Vicentina de Auxílio aos Reclusos (O. V. A. R.), com sede na Rua Santa Catarina, 769, 4000 Porto, lembra sempre, aos vicentinos, nesta época, das necessidades que tem nas suas complexas acções. Correspondemos. Sempre. Até porque temos bem vivo, em nossa alma, o especial interesse que Pai Américo dedicava aos Reclusos. Mais: a sua visita às penitenciárias foi uma grande motivação para a fundação da Obra da Rua, específicamente as Casas do Gaiato. Por isso, caríssimos Vicentinos da O. V. A. R., estamos convosco. Deus vos ajude!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Associação dos Antigos Gaiatos do Centro

A Cooperativa de Habitação dos Gaiatos, depois de planear, projectar e construir 19 apartamentos no Lugar de Vales, Paço de Sousa, promoveu uma festa para entrega dos apartamentos aos sócios, gaiatos necessitados, como se referiu n'O GAIATO.

Fomos convidados para a festa e ficámos sensibilizados com o seguinte:

— Constatamos que a solidariedade uniu vontades públicas e privadas para que alguns dos nossos irmãos tivessem habitação condigna.

— Várias pessoas que aí se encontravam, representando diferentes entidades (Instituto Nacional de Habitação, Câmara Municipal de Penafiel, Arquitecto amigo, Empreiteiro, etc.), colaboraram na concretização da obra.

Ora a nossa sensibilização resulta tão só da festa interior vivida por nós, posta em relevo pelo nosso Padre Carlos na homilia da Santa Missa, celebrada no local. Fez-nos sentir que a solidariedade, neste caso, funcionou e as famílias beneficiadas passaram a ter mais orgulho de pertencer à nossa comunidade.

Também nós, com a ajuda de Deus, poderemos aspirar a uma vivência igual, aqui, no Centro do País. Para já, temos a promessa, da nossa Obra, da doação dum terreno, na Cidreira, 9000 mil metros quadrados, e, nele, fazermos o mesmo!

Esta crónica servirá para despertar o Centro do País na colaboração que se deseja; não só na inventariação das necessidades dos nossos irmãos, mas também como apelo aos sócios, da nossa Associação, e a todos os Amigos da Obra da Rua, no sentido de unirmos forças para pormos em marcha a construção de casas para famílias de gaiatos necessitados.

Fernando

PAÇO DE SOUSA

MAGUSTO — Foi no dia 11 de Novembro, à tarde. De manhã, trabalhámos normalmente. Depois, realizámos o nosso magusto com um tempo muito mau. Mesmo assim, os rapazes não desistiram! Houve dificuldade em acender o fogo para assar as castanhas e não foi fácil resistir às que estavam assadas...!

OBRAS — Os nossos trolhas andam no telhado da tipografia, reparando o que está estragado. Quando chove, cai água na máquina do jornal e não pode continuar assim.

GALINHEIROS — Vão reabrir! Práticamente já nos tínhamos esquecido dos galinheiros! Esperamos que tudo corra bem, para podermos ver as galinhas crescerem.

ANIMAIS — Costumávamos ter animais no pomar. É óbvio, gostávamos de vê-lo cheio de vida, de fruta, de animais.

Pois é, a bicharada começou a desaparecer aos poucos... Até que desapareceu tudo!

Todos, ou quase todos, sabíamos que os cães *fanaram* muitas galinhas. Hoje, podemos relembrar esses velhos tempos porque o nosso Padre Horácio e o Augusto preocuparam-se com a situação. Trataram de arranjar os animais e as redes do campo. Agora, o pomar já tem vida!

LAVOURA — Os campos continuam a ser lavrados e regados por chuva intensa. É preciso tratar deles para, quando chegar o momento oportuno, podermos semeá-los.

OFERTAS — Agradecemos, à nossa Casa do Gaiato do Tojal, uma grande quantidade de bananas e iogurtes de boa qualidade. Gratos, ainda, à família da Ângela Maria Lopes e a empresas que nos ofereceram diversas coisas.

«Vitinho»

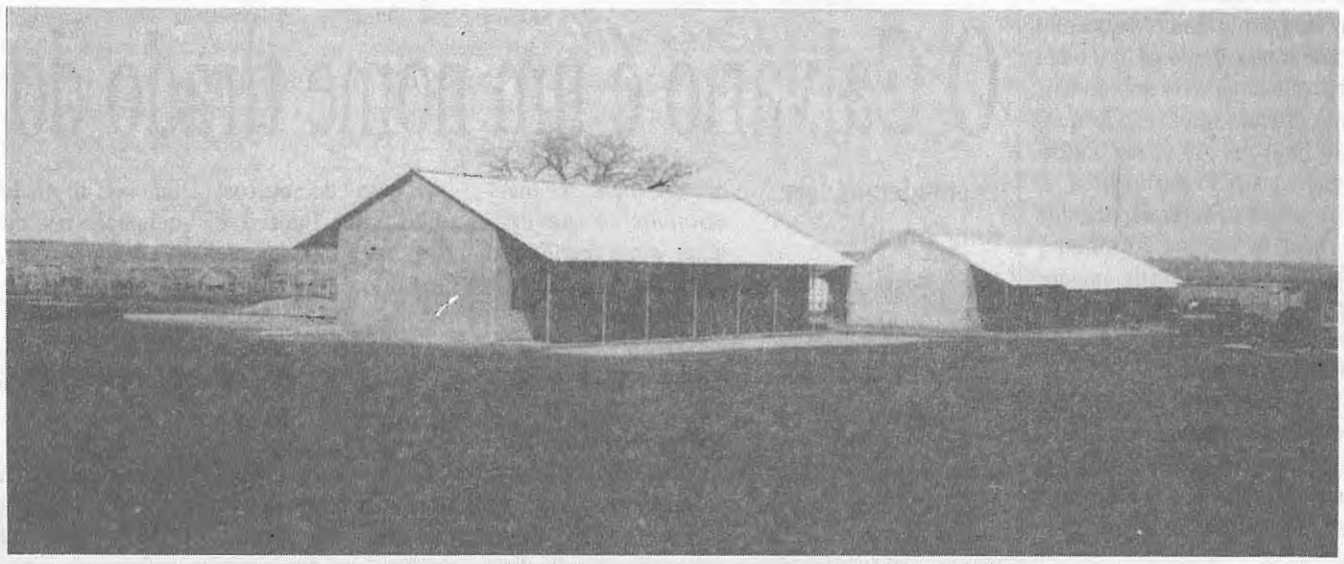
SENTIDO DE RESPONSABILIDADE — Nas Casas do Gaiato, o rapaz é chamado a ocupar um lugar de responsabilidade, nas oficinas, nas casas, etc.

Neste momento, refiro-me aos chefes das moradias da nossa Aldeia. Fomos eleitos e assumimos uma grande responsabilidade para bom acompanhamento dos rapazes, ensinando-lhes as regras da nossa vida.

Há muita coisa que os chefes negligenciam. Uns, não querem saber. Outros, precisam de ser ajudados. Temos que pôr em prática a lei da ordem!

As obras não são feitas de palavras, mas sim pelas nossas mãos e com muito amor à Obra da Rua.

Repórter x



MAPUTO — É a nossa Casa. Já temos o terreno vedado.

Notícias de Moçambique

A NOSSA FAMÍLIA — Outra vez o Zacarias... Voltou a sair de casa! Não conseguiu entender que o melhor lugar para estar, é aqui. Prefere a rua... Pois será a sua casa para sempre. Ainda não recebemos mais nenhum rapaz. Vamos esperar um pouco.

SAÚDE — Várias doenças habitam entre nós. A varicela atacou principalmente os «Batatinhas», incluindo o bébé. A seguir apareceu a papeira, contagiosa. A própria Mãe da Casa, a Irmã Quitéria, não escapou! Mas como um mal nunca vem só, visitou-nos também a rubéola. Temos um período de baixas nas várias actividades, pois numa Casa destas nunca se consegue controlar o contágio.

VISITAS — A Cruz Vermelha Nacional veio conhecer-nos, também inaugurou um pequeno Centro de crianças que pretende expandir. A D. Nydia, da Unicef, esteve connosco, verificando as obras que estão a financiar. Recebemos uma visita da Embaixada dos E.U.A., devido à oferta do precioso gerador para a nossa fazenda. As Irmãs Missionárias da Consolata e outras, diocesanas, passaram aqui o dia com as suas noviças. Ficaram muito contentes. Por fim, novamente a D. Noémia trazendo consigo a Dra. Conceição. Visitaram os nossos doentes, especialmente a Irmã Quitéria. Agradecemos a atenção dispensada.

OBRAS — Estamos sempre com obras! Continuamos com a recuperação da escola. Logo que o gerador esteja ligado, monta-se um telhado de chapa. Iniciámos uma pequena construção que servirá para meu quarto e, também, para pessoas que nos queiram ajudar e tenham que pernoitar por uns tempos.

Estas obras estão a andar de vento em popa. Agora, contamos com o apoio do sr. Câmara, nosso amigo madeirense, que se disponibilizou para ser nosso mestre de construção civil. Com ele está o Júlio que, mais tarde, será um perfeito pedreiro e, quem sabe?, mestre de obras.

CRIAÇÃO — Já temos galinhas e uma perua. Para esta, o sr. António trouxe um galante peru. Mais dois porquinhos do Sr. Câmara. Surgiu uma grande preocupação: é preciso cuidar assíduamente desta bicharada. Foi nomeado o Joãozinho. Vamos ver se dá conta do recado. Gosta muito de soltar o cágado que também faz parte da bicharada.

Carlos Roda

TOJAL

ESCOLA — Somos muitos estudantes a frequentar o Ensino Primário, Preparatório e Secundário. Depois do material escolar organizado, tudo começou a sério. Foram feitos os primeiros testes. Esperamos resultados positivos. Desde já, agradecemos aos amigos que, todos os sábados, dedicam parte do seu tempo a acompanhar o nosso estudo. Ajuda preciosa para todos nós.

FESTAS — No mês passado os que tinham mais de 14 anos reuniram-se para dialogar sobre a concretização da Festa Anual. Uma discussão muito viva. Disseram sim a esta realidade que partilhamos com os leitores.

→

Património dos Pobres

VICENTINOS duma terra grande chamaram por nós para acudirmos a quatro pequenitos. Três deles a viverem num bairro do Património dos Pobres e outro num extremo de barracas alinhadas em comboio.

Fomos estrada fora ao seu encontro. Subimos as escadas que dão acesso às treze casas que constituem o bairro. Era meio dia. Dia normal de trabalho, mas muitos homens e mulheres encostados às portas e às paredes. São treze habitações para dezanove famílias.

O aspecto das moradias é degradante. Paredes muito sujas. O chão dos interiores com cimento já esburacado. Muitas coisas amontoadas dentro das divisões. Cozinhas sem qualquer arrumação, casas sem banho e sem água.

Entrámos em algumas daquelas habitações. Auscultámos os problemas familiares: Um pai com cinco filhos pequenos abandonados pela mãe. Duas viúvas, com bastantes filhos, juntas com homens separados de outras mulheres. Uma mãe vivendo com o filho deficiente. Uma panela, ao lume, a cozer batatas sem mais nada a acompanhar. Pedaços de pão caídos no chão.

Muitas queixas, de muitas bocas!

Aquelas casas foram erguidas há mais de trinta anos. A maior parte não beneficiou de qualquer reparação. O terreno onde estão construídas ainda é dos antigos donos, que desejam assinar a escritura de doação, mas... Este *mas* quer dizer que a maior parte dos moradores não dá qualquer garantia de zelo e não se vê moralidade nas famílias. Alguns não deviam ali viver. Situações difíceis e melindrosas.

Falámos aos vicentinos e procurámos o pároco da freguesia. Um pastor inquieto com o problema. Sem saber bem o que fazer e por onde começar. Sem dinheiro para as obras e com pouca esperança de promoção daquelas famílias. Procurámos animá-lo. Prometemos ajuda para a construção de quartos de banho. Que insista com a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal. Que legalize o terreno. Pareceu-nos que ficou animado.

Temos conhecimento que, por esse Portugal fora, há situações idênticas a este bairro. Muitas casas do Património dos Pobres em degradação e famílias que não deviam habitá-las. No entanto, a Obra do Padre Américo quer continuar a ajudar os Pobres a ter casa.

O Padre Américo sonhou e procurou realizar o seu sonho em obras: casas que abriguem os filhos de Deus e sejam santuários. Caiados, com luz, com sol, com água, com flores, com vida. E não sejam profanados. Os santuários têm guardas. E os guardas sejamos cada um de nós.

Padre Horácio

SETÚBAL

Continuação da página 1

A experiência da Festa do ano anterior é um bom contributo para o trabalho que preparamos para oferecer. Desde o Luís Filipe, o mais pequenino, até ao Fernando — um dos responsáveis deste acontecimento — apostamos estar nos palcos de várias localidades onde encontraremos alegria e amor. A Festa é a expressão da nossa vida. Trabalhamos a sério!

GUARDA-CHUVAS — Chegaram dezoito, de Fanhões. Têm a marca carinhosa de duas grandes amigas. Muito obrigado.

VACARIA — Os vaqueiros tratavam, com mais atenção, a vaquinha que iria ser mãe. Noite após noite, eis que surge mais uma vitelinha. Mas a alegria não é totalmente isenta de tristeza: houve uma outra que nasceu sem vida. As vacas têm que ser muito bem tratadas, pois oferecem o leitinho que bebemos todos os dias.

FUTEBOL — Os gaiatos mais velhos, que saíram da nossa Casa, reuniram connosco no dia 1 de Novembro.

Jogámos futebol. No encontro de onze contra onze, vimos muitos que, há muito tempo, não apareciam. Um convívio que irradiou muita alegria. Conseguimos uma boa vitória: 4-1.

Esperamos mais, em Dezembro, para tornarmos estes encontros festivos. Venham com mais força, que o Pedro já começou a treinar a equipa. Todos os domingos, pelas 9 horas, o campo é ocupado por *grandes* jogadores. Prepara as chuteiras e vem até nós. À partida perdeis, mas... nunca se sabe!

Luís Miguel Fontes

Raciocínios do mundo (!...) que rejeito liminarmente ainda que, por isso, venha a comer o pó dos caminhos.

Se amanhã não pudermos, não podemos. Viveremos em paz essa angústia. Mas, se hoje podemos, é sinal de que amanhã poderemos. Deus não falta aos que lhe são fiéis.

Engrossar o capital dos endinheirados, só para receber os juros que eles entendem e firmar assim uma falaz segurança, é pecado que não quero cometer! Aos filhos ajudados por esta cruzada devo esclarecer que o apoio prestado vem da heroicidade de muita gente; por vezes, de sacrificadas renúncias. Por isso, a vida económica de cada um deve ser austera e fiel a Deus! São auxílios que descem do Alto!... Quando amanhã puderdes, deveis também colaborar com outros. É uma sementeira que estamos a fazer. Não vos facilitamos a vida para que leveis uma vida fácil.

O apoio prestado vem da heroicidade de muita gente

Outro dia, veio ter comigo uma reformada doente. Apoiava-se numa bengala e via mal. Com dificuldade subiu as escadas, degrau a degrau, para se recolher no escritório das oficinas na minha companhia. Era «um assunto importante e secreto» — disse-me. Sentada, depois de respirar fundo e me encarar bem — era um olhar feliz e de sofrimento — confidenciou: «Venho dar-lhe quanto tenho para os Pobres. A minha reforma chega para eu viver: 37.500$00. Não devo viver muito tempo e vou para um Lar». Adverti-a da consciência que devia ter numa resolução desta grandeza. Os familiares. Uma recaída grande. Uma necessidade urgente. Tudo!... Respondia aos meus argumentos com os olhos no chão, firmando-se cada vez mais na sua decisão. Aceitei. Puxou de dois cheques e mandou-me escrever; num, tanto, e verificava a caderneta; no outro, quase o mesmo depois de consultar o extrato bancário. Assinou com dificuldade pela falta de vista, recomendando-me que levantasse o dinheiro depressa e não dissesse nada a ninguém. Vi o Invisível!...

Queridos filhos, o dinheiro com que vos apoio vem daqui!...

Padre Acílio

Novos Assinantes

De Tomar à Figueira da Foz

Sacrificados pela ausência de distribuição avulsa do nosso jornal, em suas terras, alguns beirões continuam a pedir sua inscrição como assinantes. Por nossas mãos passam listas de Tomar, Leiria e Figueira da Foz. Muito curioso, o postal do assinante 16314, de Santa Cita: *«Uma vez que o distribuidor d'O GAIATO não vem a Tomar, a pedido desta senhora (...) tenho o prazer de a inscrever».*

Continuamos a registar inscrições pessoais — sem ajuda de terceiros! Coimbra: *«Como leitor, peço uma assinatura. Sou viúvo. Não tenho pai, mãe, mulher nem filhos. Apesar de doente, tenho fé em Jesus — que protege os que sofrem».*

Oeiras: *«Quero ficar assinante. Não vou falar da Obra da Rua...! Deus vos dê Força para a continuar e aumentar».*

Carvalhos (Vila Nova de Gaia): *«Graças a Deus, há momentos na vida que são de uma transcendência para o nosso bem estar e dificilmente somos capazes de explicar. Resolvi passar uma semana de férias, com a minha mulher, num parque de campismo. E foi aí que um rapaz passou por mim, com a sacola d'O GAIATO. Desfolhei o jornal quando vi, em letras maiores, os nomes de Benguela e Malanje. Li os artigos. A satisfação foi imensa. Benguela foi a bela cidade onde nasci e vivi (...). Conhecia bem a Casa do Gaiato (...). Porque vos escrevo? Para manifestar a minha satisfação e pedir que, a partir de agora, seja assinante do vosso jornal — para uma leitura atenta».*

Emigrantes

Topamos emigrantes e nem sempre lhes temos dado o merecido relevo! Muitos, ligados à Pátria-mãe pela leitura d'O GAIATO.

Entre os incansáveis Amigos — que levam o pequenino mensageiro a toda a parte — escolhemos várias presenças. Vila Nova de Gaia: *«Mando um cheque para a senhora (...) ser considerada assinante. É minha amiga. Faz anos em Outubro. Agora, resolvi brindá-la com esta lembrança. E a mensagem que o* Famoso *emana torna a dita maior».*

Alhandra: *«Falei de vós a uma minha amiga. Logo disse que gostaria de assinar o jornal. Peço que lho enviem, imediatamente».*

Vila Nova de Famalicão: *«Escrevo esta carta com muito prazer e para dizer que consegui mais uma assinante! Sempre que possa, enviarei mais...»*

No meio de tanta gente — graças a Deus! — vale a pena referir um santuário mariano, duma Região Autónoma. E a presença assídua de alguns párocos interessados na expansão d'O GAIATO em suas comunidades. Um ou outro até vem pessoalmente dar indicação de nomes ou entregar contributos de leitores.

Entre familiares

Intencionalmente, reservamos para o fim os Amigos motivados à transmissão da mensagem do *Famoso* pelos seus mais seus — os familiares. Funchal: *«Não sabendo a quantas ando, acerca da anuidade do tão apreciado quanto querido jornal (que, apesar de tudo, têm a gentileza de m'enviar), junto cheque para a minha assinatura (desde...?) feita por um colega. Bem haja pela vossa tolerância! Aproveito para solicitar a remessa d'O GAIATO a um jovem estudante, meu sobrinho (...). Reconhecida! Uma saudação para quantos, aí, amais!»*

Porto: *«Leitora assídua, e assinante, tem este simples postal um objectivo: que o* Famoso *chegue às mãos da minha netinha (...)»*

Madrinhas e padrinhos lembram-se dos afilhados. Lagos: *«Já pensara enviar um cheque destinado às Casas do Gaiato, d'África. Mas, a carta do Benjamim pôs-me ao serviço. Retribuo com um grande abraço. E coragem! Aproveito para pedir a inscrição duma assinatura destinada a uma afilhada, residente em França (...)»*

Mudanças

As mudanças de domicílio e os endereços incompletos ou deficientes são um problema, permanente, nos ficheiros d'O GAIATO! Temos perto de 53.000 assinantes...

Neste aspecto, como é óbvio, jamais será possível optimizar o serviço. Mas, se o leitor mudar de casa (ou naquela onde morar for dado à rua nome e número de porta), não esqueça de comunicar — para evitarmos o que aconteceu a esta senhora: *«Há três anos que deixei de morar em (...) e penso que, neste período, o jornal tem sido recebido pelos novos ocupantes da residência. Embora com todo este atraso, peço a alteração da minha morada e, por outro lado, acrescentem na lista de novos assinantes o seguinte nome (...)».* Lei das compensações!

Júlio Mendes

MALANJE

O que nos dão

Pela terceira vez que o sr. Paulo, da Maxinde, manda pôr na carrinha um saco de arroz! Neves Canje veio com cinco sacos de farinha de trigo. Pão saboroso! O nosso gaiato Nando, um saco de açúcar para o café; o nosso gaiato José Fidalgo, duas malas de peixe; e o gaiato «Catete», um saco de farinha, bolos e cerveja. Do sr. Governador, cinco malas de peixe. Que jeito! José Luís, dois sacos de milho e a Aicor, o milho da semente. 25 mil kwanzas na caixa do correio.

De Portugal: a Dina com dez mil; Raquel com cinco; e o nosso Padre Acílio com uma ajuda fraterna que, além do alívio, foi para nós um bálsamo no coração. Amiga, de Braga, veio com 100 mil. Também, de Braga, A. Ferreira com a habitual mensalidade. De Linda-a-Velha, o Bernardino: «Quero ajudar a levantar essa Obra. Para o efeito, aí vão dez mil. Alegro-me participar na restauração da vossa Aldeia». General B. O. com carta muito amiga e vinte mil. Também uma velha amiga da Obra da Rua — Haydée Matos com um cheque e um lindo postal a dizer: «A felicidade pertence aos que tornam os outros felizes». Ainda do Porto, o nosso Amigo Alberto Plácido: «Para ajuda das inúmeras despesas vai o cheque de cinquenta mil. Numa sociedade consumista e esbanjadora só o espírito de pobreza pode redimir os que se fecham nas suas «conchas» e esquecem ostensivamente os irmãos. Mas o amor há-de triunfar sobre o egoísmo e assim haverá mais partilha e mais justiça».

E ele há valores por medir: As orações da Irmãs Clarissas, de Braga; e das Irmãs Contemplativas, de Benguela! A prece fervorosa da Maria do Rosário e outras amigas, de Castelo Branco! E soube, hoje, do sr. D. Carlos, Bispo-Auxiliar de Braga! Tantos outros amigos e leitores que falam ao Senhor em nós.

Isto fortalece a nossa certeza e faz-nos repetir: «Não se perturbe o vosso coração».

Padre Telmo

Calvário

Continuação da página 1

zas, pelo arranjo das salas dos doentes. Distribui a comida quando é preciso. Faz trabalhos artesanais com muita perícia. E ensina os demais nestes mesmos trabalhos. A sala de exposições tem coisas bonitas que eles confeccionam. Quão contentes eles ficam quando os visitantes pegam, gostam e levam! O Zé é responsável. Assim o fossem muitos outros mais válidos.

Obreiros e obreiras da higiene dos acamados

O Joaquim veio de Santo Tirso onde vivia de esmolas. Era um homem só, arredado da sociedade. A paróquia dava-lhe a mão e ele sobrevivia. Aqui, é ele quem dá a mão. É pau para toda a colher. Recados. Ajuda aos demais. Barbeiro dos doentes.

A Maria mais a Alice e a Fátima, todas muito marcadas pela incapacidade, são as obreiras da higiene dos acamados.

A Maria José anda sempre a perguntar: — *Que vou eu fazer?* Com um rádio no bolso, ora na copa a lavar louça, ora pela rua a varrer folhas, anda sempre a labutar.

O *nosso* mundo é um mundo difícil de entender

Os quadros assistenciais não prevêem certamente a colaboração destes *coitados*, pois tiram o lugar, é certo, a muita gente que poderia estar aqui a dar ordens e a agir. Mas, deste modo, o Zé e as Marias eram apenas assistidos, *coitados* e inúteis.

O *nosso* mundo é um mundo difícil de entender. Mas deixem-nos ser como desejamos. Agradecemos as sugestões amigas, mas vindas de outro mundo.

Tal como O GAIATO não cabe nos parâmetros do jornalismo que enche as nossas bancas, também o Calvário não tem lugar no vasto campo da assistência.

O Calvário só se encontra modesto, envergonhado, nas páginas do Evangelho. Antes dele nascer Pai Américo afirmou que o Calvário é um nome tirado do Evangelho. É lá, e só, que vamos beber a doutrina com que nos alimentamos.

Padre Baptista

ENCONTROS

EM LISBOA

Menores em risco numa sociedade em mudança

Foi-me dada a oportunidade de participar num seminário organizado pela Provedoria da Justiça, em Lisboa, nos dias 11, 12 e 13 de Novembro. O tema: «Menores em risco numa sociedade em mudança» — muito vasto, polifacetado — exigia muita delicadeza, quer na análise das causas quer no encontrar de soluções. Pretendia-se um diálogo entre os diferentes intervenientes neste complexo campo, mas também tinha a intenção de constituir um alerta e uma sensibilização da sociedade em geral para a questão. No dizer do Provedor da Justiça, os menores em risco são dos mais pobres na nossa sociedade porque, pelo facto de serem menores, são incapazes de se defender e porque sendo menores são também os que menos conhecem os seus direitos. Deixou a porta da Provedoria da Justiça aberta para os menores aí se poderem dirigir, pedindo que lhes seja feita justiça.

Durante os três dias houve intervenções brilhantes, tecnicamente perfeitas. Isto é motivo de alegria porque sentimos que as altas instâncias estão abertas aos problemas de um devir quotidiano cheio de novas questões. O direito procura criar quadros jurídicos onde os direitos e deveres sejam equacionados de forma harmoniosa, não esquecendo que os jovens em risco são seres humanos em rápido desenvolvimento. O ensino procura adaptar-se a uma realidade que sai fora dos padrões normais curriculares, combinando ensino e aprendizagem profissional. As instituições tutelares de menores apresentam todo um mundo de preocupações onde, com humildade, se tentam soluções que se aproximem o mais possível de um ideal de resposta.

Prevenção da marginalidade

Falou-se muito na prevenção da marginalidade. As causas eram apontadas. Senti que sobre este ponto falta uma certa capacidade de intervenção. A barraca, os bairros degradados, as condições indignas da pessoa humana são geradoras de famílias destruídas, de menores em risco, de delinquência. Ouvi, esta semana, um Presidente de Câmara dizer que esperava em finais de 1993 acabar de vez com as barracas na sua comarca. Ouvi também outros numa outra, onde faltam mais de cento e cinquenta mil casas decentes, a convocar conferência de imprensa e a publicar anúncios para dizer se tinham construído mais cem ou menos cinquenta casas. São milhares os jovens que continuam a viver em galinheiros e a apodrecer no corpo e na alma.

Pareceu-me que se investe muito pouco na despistagem, a tempo e horas, das situações de abandono, maus tratos e carências de várias ordem — no respeitante aos menores. Investe-se na cura, mas seria importante investir também numa acção social eficaz com capacidade para sentir o pulsar dos nossos bairros e das nossas ruas. Mesmo a nível da Igreja, quanto se poderia fazer se os cristãos estivessem à escuta dos Pobres, nos locais onde vivem e morrem! As Conferências de S. Vicente de Paulo e os Grupos Socio-Caritativos são um caminho a incentivar. Não havendo detecção atempada, quando as coisas rebentam na praça pública já escasseia o tempo para um trabalho eficaz. Não consigo esquecer a impressão que me deixou a visita recente a uma prisão-escola, cheia de gente ainda muito nova, mas com o coração já demasiado empedernido para se tornar terreno fértil a qualquer mensagem de dignidade. Senti que ali se chega demasiado tarde junto de um jovem.

Muitos estudos e relatórios à procura da solução perfeita!

Reconhecendo o trabalho dos técnicos e especialistas, a experiência mostra-me — e o seminário não conseguiu fazer-me ver de outra maneira — que, às vezes, mesmo depois de conhecido o problema, se age de forma muito lenta, com demasiados estudos e relatórios à procura da solução perfeita! O tempo passa e numa criança e jovem o tempo é primordial porque tem um peso psicológico enorme. Seria preferível uma solução menos perfeita do que andar demasiado tempo à procura de solução ou não ter nenhuma. Direi que poucos pais são perfeitos, mas quem os tem dá graças a Deus. Uma criança ou um jovem ao abandono é que não é possível.

Devemos ter a humildade de reconhecer que todas as soluções para as crianças e jovens privados do meio familiar normal são sempre soluções de recurso. Embora os técnicos sejam importantes e especialistas necessários, precisamos de entender que o crescimento humano-humanizado só se pode fazer num contexto de amor e carinho. Alguém, no seminário, falava de paixão. Fico-me pelo amor sereno, cheio de esperança, que ama e ensina a amar. Em tempos, li um poema que dizia: «Falta amor na cidade». Antes das leis, das técnicas, das especializações, recordemos que nascemos para o amor e esse falta, muitas vezes, quando nos encontramos com as crianças e jovens em situação difícil.

Padre Manuel Cristóvão

Tribuna de Coimbra

HOJE é domingo. Um dia cheio de visitas. Juncal — Leiria, mais uma carrada de fruta: maçãs e pêras. A lamentação de gente simples: «Ninguém compra! Vem de fora... Tudo fica na árvore ou no chão a estragar-se!» Também deixaram a promessa das colchas para as camas dos rapazes. Querem que eu vá ver e ajude a escolher. A seguir, um grande grupo de Santa Maria da Feira. Muitos mimos: castanhas, roupas e uma mão cheia de moedas e notas. A Associação dos Antigos Gaiatos do Centro esteve também reunida, cá em Casa. Uma partilha de preocupações pelos outros, sobretudo pelos que aqui foram criados e não têm uma condigna habitação. Ainda, durante a manhã, um dos mais velhos, num sorriso transparente, de alegria interior, me confidencia: «Você é o primeiro a saber: há um ano que namoro fulana. Só lhe disse agora por me parecer que vai dar certo...». Ele, um rapaz de jeito, no saber e no trabalhar.

Ao almoço, os «restos» de um jantar que fui ontem buscar a Coimbra. As pessoas não compareceram. «Não se pode estragar. É pecado!» Consciência afinada e temente.

Somos, cá em Casa, cerca de 90. Já comemos os tais «restos», ontem ao almoço e ao jantar; e são ainda, hoje, os do almoço. Trouxe a *Ford* cheiinha. Tudo bem composto em tachos, panelas, tabuleiros. Quando cheguei, mil olhos e mil ajudantes para as coisas boas que trazia...

Enquanto carregava, o amigo quis saber coisas da Casa do Gaiato; que lia sempre e é assinante. Falei das minhas dificuldades e necessidades, enquanto ele pergunta do que mais preciso. Disse dos olhos, do nariz, dos dentes e da garganta; do meu atendimento na sala dos curativos, dos rebuçados que dou, por vezes, para iludir o remédio que não tenho. O homem imediatamente, declara: «Sou oftalmologista»! Que tinha consultório naquela terra, outro naquela outra, e em Coimbra é na Rua «X». Não me tinha ainda refeito de uma benesse, a carrada de comida — para que, interiormente, levantasse as mãos em Acção de Graças.

Não precisava de saber de mais nada. Pedi. Uma consulta semanal para um dos meus rapazes. E como o sr. Dr. tivesse falado da esposa e da sua especialidade afim — também ela oftalmogista — pedi, não para um, mas para dois. Com a ameaça de que só assim ficaria totalmente justificado...

Os olhos do homem quedaram-se nos meus, esbugalhados: — Muito obrigado! A força dos Pobres; eles, os únicos com força!

Ao almoço de hoje, depois de tanta coisa boa na boca dos rapazes, não poderia deixar de falar da existência de Deus. Tantos duvidam por causa de outras evidências imediatas e ilusórias. Aqui, nos «restos» deste jantar, Ela tão evidente. — Deus anda por aí escondido, disse.

Comuniquei ao «Cenourinha» que já tinha consulta na próxima quarta-feira no consultório «X», à hora «X»... Lá hei-de encontrar o sr. Dr., qual servo à espera do seu Senhor, sorridente. Assim foi. Graças a Deus!

Padre João

ÁFRICA

Algumas interrogações

Continuação da página 1

Estados que não coincidem com Nações? Do norte ao sul de Angola, ou de Moçambique, será que as várias etnias constituem um só Povo, uma só Nação?

Contribuir para essa ilusão, não será ainda uma pressão do *Norte*, sabido e forte, sobre o *Sul*, ingénuo e frágil, no fundo eivada de uma certa filosofia colonialista onde interesses que eu nem sei descortinar imperarão?

Em noticiário ouvido nestes meus dias de pausa, ao falar do desejado encontro dos dois líderes angolanos, o locutor dizia: «dos dois presidentes». Rigorosamente pareceu-me uma inexactidão. Neste momento, antes de uma segunda volta eleitoral, nem há nenhum presidente, apenas dois candidatos que terão de entender-se civilizadamente para que a segunda volta seja possível. Mas achei curioso e pensei: — Não estará a boca do locutor «a fugir para a verdade»?

Haverá realismo na condução dos acontecimentos, quer de dentro, quer de fora?...

Se não há, como e quando se chegará a uma plataforma estável, sincera e duradoiramente pacífica, sobre a qual se possa operar uma reconstrução nacional?

Se não há, não será agora o momento, sempre dramático nas partilhas de uma herança, de as fazer conforme à natureza e à vontade dos herdeiros? E que vivam em paz colaborante os irmãos, na posse cada qual do seu património, em lugar de perene tensão na posse em comum do património indiviso? Se é assim entre os homens, não o será também entre as Nações?

Eu não sei nada. Eu não digo nada. Mas ninguém pode livrar-me (nem eu próprio!) da inquietação destas interrogações.

Aí ficam. E a notícia prometida, há quinze dias, à multidão de Amigos que nos acompanham: Dos nossos em Benguela tivemos notícias tranquilizantes. Dos de Malanje, não tendo sido possível qualquer contacto, permanece a Esperança que não exclui a preocupação.

Padre Carlos

O Gaiato

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239